



CA (FN) Luis Manuel de Campos Mello
campos.mello@marinha.mil.br

Conceitos emergentes para os Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav)



O CA (FN) **Campos Mello** é o atual Comandante do Desenvolvimento Doutrinário do Corpo de Fuzileiros Navais. Coursou os cursos de Política e Estratégia Marítimas, de Estado-Maior para Oficiais Superiores e de Estado-Maior para Oficiais Intermediários da Escola de Guerra Naval, o *Command and Staff College*, no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América. Curso Aplicativo de *Oficiales de Infantería de Marina*, na Armada Argentina; Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais do CFN e o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais de Infantaria, da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército Brasileiro. Possui os cursos especiais de Comandos Anfíbios, Precursor Paraquedista e Mergulhador Autônomo, dentre outros. Participou da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti no 3º Contingente do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais, como Chefe do Estado-Maior; e no 21º Contingente, como Comandante. Comandou a Companhia de Polícia do Batalhão Naval (2006/2007); o 2º Batalhão de Infantaria de Fuzileiros Navais (2013/2014); e o Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais (2017/2019). Foi Delegado da Marinha na Representação Brasileira na Junta Interamericana de Defesa (RBJID), nos EUA em 2020/2021.

Introdução

Embora a essência da guerra¹, enquanto um ato de violência para submeter um adversário contra sua vontade tenha permanecido imutável, desde os primórdios desta complexa atividade humana, o emprego da força militar em combate sofreu constantes alterações ao longo da história. Novas concepções de emprego de forças no campo de batalha, inovações tecnológicas representadas por novos sistemas de armas e logísticos e a condução do combate em diferentes ambientes físicos e psicossociais têm transformado ininterruptamente a Arte da Guerra, trazendo vantagens que, oportunamente exploradas por aqueles que dominam os novos conceitos podem ser decisivas no curso das batalhas.

Acompanhar conceitos emergentes de emprego da força de forma a orientar os rumos do desenvolvimento de novas capacidades para os Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) é uma atividade essencial ao Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) para que possa se manter como

ferramenta imprescindível ao Poder Naval para a superação dos desafios atuais e futuros da Marinha do Brasil (MB).

Neste artigo, inicialmente, ressaltaremos o papel fundamental dos conceitos emergentes de emprego da força militar na condução do combate, por meio de uma abordagem histórica das inovações no campo de batalha, novas formas de mobilização da força militar e novos sistemas de armas ou logísticos, que representaram vantagem significativa para forças militares que os exploraram. A seguir, teceremos breves comentários sobre os conceitos que serão apresentados pelos diversos autores desta edição da Revista **Âncoras e Fuzis**, que incluem novas abordagens do combate, com diferentes visões e dimensões de aplicação da força nos campos de batalha atuais e futuros. Encerraremos com uma conclusão, enfatizando a importância para o CFN de se acompanhar o desenvolvimento das inovações e tendências militares e desenvolver seus próprios conceitos de emprego de seus GptOpFuzNav.

¹Para Clausewitz a guerra é um ato de força realizado para obrigar um inimigo a fazer a nossa vontade. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/1946/1946-h/1946-h.htm/>>. Acesso em: 13 maio 2021.

Dos elefantes indianos ao bombardeiro invisível

Desde a antiguidade, os exércitos procuram se organizar de maneira a estar em condições de enfrentar seus adversários em um campo de batalha. O emprego sistemático de cavaleiros, arqueiros e carros de guerra, apoiando um corpo principal de infantaria foi a forma empregada pelos Reinos organizados para enfrentar seus oponentes em combate. Efetivos superiores, armamento de qualidade e uma retaguarda logística constituíram números que, aliados às habilidades dos soldados no combate individual ou em equipe, fizeram a diferença no embate contra o inimigo. Entretanto, um novo conceito de emprego dos meios militares e novas tecnologias possibilitaram, por diversas vezes, a superação de exércitos bem preparados, que foram surpreendidos pelas inovações e derrotados no campo de batalha.

Durante as Guerras Púnicas², ainda no século III a.C., os exércitos romanos se surpreenderiam com o uso de elefantes indianos por parte de seus adversários helênicos. O líder cartaginês Xapinto, na Sicília, contava com um efetivo não muito maior que o do general romano Régulo, mas possuía cerca de cem elefantes, além de seus cavaleiros. Surpreendido com o avanço dos elefantes em campo aberto, o exército romano foi dizimado e, durante anos, evitou embates em campo aberto contra o exército cartaginês e seus elefantes (GARAFFONI, 2006).

Na idade média, o combate permaneceu imutável durante vários séculos, consistindo basicamente de choques entre infantaria equipados com escudos, lanças e machados, apoiados por arqueiros e, com os nobres e cidadãos mais ricos compondo uma tropa a cavalo, usada muitas vezes para aproveitar o êxito de um ataque bem sucedido, ou atacar os flancos ou retaguarda da tropa adversária.

Algo novo, entretanto, começa a ocorrer no reino franco a partir do século VIII. Nesta época, os homens livres que possuíam cavalos passaram a adotar cada vez mais acessórios feitos de metal e couro para se proteger durante os embates a cavalo. Passaram também, a armar-se com espadas longas e lanças de quase 2 metros, com a qual se lançavam contra a cavalaria inimiga. Surgia assim, uma cavalaria de choque, com cavaleiros e suas montarias providos de certa blindagem, lançando-se contra a cavalaria ligeira e infantaria inimigas, de forma a romper suas linhas e facilitar a penetração da infantaria que se seguia. Esse método de emprego teve seu início na Europa e foi usado nos combates entre cristãos e muçulmanos nos séculos IX a XI. O conceito inovador passaria a ser adotado pelos reinos

mais importantes da Europa e da Ásia, modificando o enfrentamento no campo de batalha (FERNANDES, 2006).

Figura 1: Armaduras usadas pela cavalaria pesada na Europa Medieval em exposição no Museu Metropolitano, na cidade de Nova Iorque, EUA



Fonte: <<https://www.warhistoryonline.com/medieval/11-facts-never-knew-medieval-warhorses.html/>>. Acesso em: 05 jun. 2021

O Exército de Gengis Khan, no século XIII, também faria uso da mobilidade do cavalo e de seu efeito de choque. Valendo-se de suas habilidades no combate montado, além de outras estratégias, as hordas nômades originárias da Ásia Central derrotariam reinos e subjugariam impérios desde a China até a Europa Oriental, passando pelo Oriente Médio e pela Pérsia. A brutalidade com que tratava seus adversários e as regiões por onde passavam, praticando saques, assassinatos e levando destruição às cidades e plantações foi vastamente abordada em registros históricos. Entretanto, algo que não se aborda comumente, quando se trata de Gengis Khan e seus temidos cavaleiros das Estepes, é que foi um Exército que incorporou diversas inovações aprendidas no combate com diferentes povos ao longo de vários anos (BARBOSA, 2006, p. 138). Do embate contra os chineses, aprenderam a fazer uso de bombas fumígenas, artefatos incendiários, balestras, catapultas e torres rolantes para assalto a cidades fortificadas. Em sua passagem pelo Oriente Médio, passariam a usar camelos, além de seus cavalos. As operações de cerco a cidades fortificadas incorporaram novas táticas, tais como a simulação de retiradas e a montagem de emboscadas. O Exército de Gengis Khan inovou constantemente, surpreendendo seus adversários com novas armas e conceitos de uso da força, sendo este último um fator marcante em sua superioridade ante exércitos considerados, muitas vezes, mais organizados (BARBOSA, 2006).

A Revolução Industrial na Inglaterra, a partir do século XVII e a Revolução Francesa, no fim do século XVIII, mudariam significativamente a sociedade na Europa e em outras partes do mundo, substituindo a sociedade feudal, pela capitalista (BARBOSA, 2006, p. 201).

Após a Revolução de 1789, a França teria que combater contra outros Estados europeus que não queriam que o

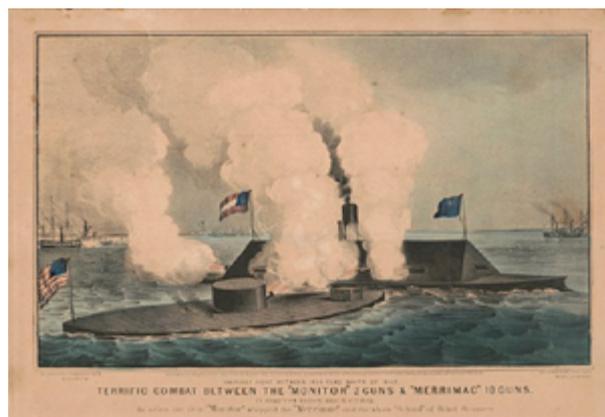
²Série de combates travados entre a cidade de Cartago, no norte da África e Roma, na Europa, entre os séculos III e II a.C.

mesmo processo revolucionário se iniciasse em seus territórios. Para que pudesse ter um exército a altura do desafio, a França instituiu o recrutamento em massa (*levée en masse*), tornando o serviço militar obrigatório entre os jovens de 18 a 24 anos³. Esse novo conceito possibilitou construir um exército que, liderado por Napoleão Bonaparte (1769-1821), seria temido por toda a Europa, levando a guerra a novos níveis de engajamento do Estado-nação, com uma mobilização nacional total e embates decisivos nos campos de batalha. Esta nova forma de mobilização permitiria a Napoleão Bonaparte comandar o Exército mais temido da Europa no início do século XIX e foi o precursor do atual serviço militar obrigatório existente em diversos países.

Nas Américas, as antigas colônias europeias seriam influenciadas pelo nacionalismo e ideais de liberdade da Revolução Francesa e fariam sua própria revolução, libertando-se do colonizador europeu. O sistema de conscrição universal francês e o engajamento total da nação na guerra se uniria as inovações tecnológicas surgidas com a revolução industrial para alterar os embates nos campos de Batalha das guerras do século XIX. Invenções como a ferrovia, o telégrafo, navios a vapor e encouraçados seriam utilizadas em novos conceitos de emprego de forças militares em batalhas, dando nova dinâmica à guerra.

Durante a Guerra de Secessão nos EUA (1859-1864), grandes efetivos dos exércitos da União e dos Estados Confederados se chocaram em batalhas em campo aberto, utilizando as novas peças de artilharia e engenhos, ocasionando pesadas baixas dos dois lados. A metralhadora *Gatling*, inventada em 1862, passaria a ser uma arma amplamente empregada pela infantaria, junto com os fuzis, para defesa ou conquista de posições. Na batalha naval travada na região de *Hampton Roads* (1862) foi registrado o primeiro duelo entre navios encouraçados: O “Virginia” (antigo *Merrimack*), um navio capturado pelas tropas confederadas e readaptado para receber uma couraça de ferro e o “Monitor”, um navio construído pela União, inteiramente de ferro e com duas torretas de canhão giratórias. Embora o embate que durou horas entre as duas embarcações tenha sido inconclusivo, percebeu-se o valor do navio de ferro, como arma capaz de forçar passagens fortificadas, resistindo ao poder de fogo dos canhões em terra e capaz de derrotar os melhores navios de madeira até então construídos⁴. Este novo conceito de navio, autopropulsado, encouraçado e dotado de canhões direcionais, seria aperfeiçoado e empregado na espinha dorsal das esquadras das principais Marinhas do mundo para obtenção do domínio do mar, nos conflitos do final do século XIX e início do século XX.

Figura 2: Imagem de arquivo histórico da Livraria do Congresso dos EUA sobre a batalha de *Hampton Roads*, em 1862, entre os navios encouraçados *Monitor* e *Merrimack*, durante a Guerra Civil nos EUA



Fonte: <<https://www.nps.gov/articles/battle-of-the-ironclads.htm/>>.

Acesso em: 08 de jun. 2021

Na Guerra do Paraguai (1865-1870), o emprego de navios de madeira dotados de couraça, navios tipo monitores e de uma estrada de ferro construída de maneira emergencial sobre a região do Chaco possibilitou a Esquadra Brasileira ultrapassar a região fortemente defendida da Fortaleza de Humaitá, no Rio Paraguai, em uma ação militar decisiva, que deixaria a capital do Paraguai, Assunção, sem defesa contra um ataque da Esquadra Imperial, levando a sua evacuação (DORATIOTO, 2006).

Os novos conceitos de emprego de meios militares e as novas tecnologias desenvolvidas nas guerras da segunda metade do século XIX seriam estudados e aperfeiçoados pelas grandes potências industriais do início do século XX. As forças militares que participaram da Grande Guerra (1914-1917) fariam vasto uso de inovações, tais como o submarino e a metralhadora. A estrada de ferro e os navios encouraçados trariam inovações bem como os carros de combate, os aviões e as armas químicas. Aqueles que aperfeiçoaram os novos engenhos militares e desenvolveram métodos de emprego desses engenhos em combate obtiveram vantagens importantes nos primeiros anos da guerra.

Na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), essas armas se aperfeiçoaram ainda mais e diversos conceitos e novas invenções surgiriam em ritmo acelerado. A chamada Guerra Relâmpago (*Blitzkrieg*) conceito de ataque empregado pelas forças alemãs, permitiu a Adolf Hitler (1889-1945) dominar a maior parte da Europa nos primeiros anos da guerra (REILLY, 1940). A indústria bélica alemã prosseguiu inovando até o final do conflito, lançando novos tanques, submarinos, aviões movidos a jato e bombas voadoras, que surpreenderiam no campo de batalha e gerariam uma vantagem inicial que teria que ser superada por outras

³Disponível em <<https://www.britannica.com/topic/conscription/>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

⁴NAVAL HISTORY AND HERITAGE COMMAND. Disponível em: <<https://www.history.navy.mil/>>. Acesso em: 08 jun. 2021.

inovações tecnológicas desenvolvidas pelos países aliados. Era a corrida da medida versus a contra-medida. Assim, contra a furtividade do submarino, surgiria o sonar, contra as incursões aéreas noturnas da aviação alemã, surgiria o radar. Junto com a tecnologia, viriam os novos conceitos de emprego de meios em combate, como o sistema de comboios, empregado para proteger os navios de ataques de submarinos no oceano atlântico. O uso de pilotos suicidas por parte dos japoneses, no final da guerra, surpreenderia as forças navais norte-americanas na Campanha do Pacífico.

Novos conceitos de emprego de forças foram especialmente importantes nas campanhas navais da Segunda Guerra Mundial, com a realização de grandes operações anfíbias, que possibilitaram a liberação da Europa e a derrota das forças japonesas no Teatro de Operações do Pacífico. Embora o uso de tropas modernas realizando um desembarque anfíbio já tivesse ocorrido na península de campanha de *Gallípoli* (1915), durante a Grande Guerra, o conceito de assalto anfíbio seria aprimorado no período entre guerras, para ser amplamente empregado durante o conflito. Forças Avançadas realizariam operações preparatórias à invasão, enquanto um corpo principal de tropas embarcado em navios de transporte, fortemente protegido por meios navais e apoiado por aviação seria desembarcado em um ponto do litoral, ou em ilhas no pacífico, para desbalancear o poder de combate em uma região e permitir o avanço para objetivos estratégicos em território controlado pelo adversário.

No período da Guerra Fria (1945-1989), as potências mundiais (União Soviética e Estados Unidos da América) competiram amplamente pelo desenvolvimento de novos conceitos e tecnologias nos diversos campos do conhecimento humano. A exploração da energia nuclear, a corrida espacial e a construção de forças militares especializadas e arsenais sofisticados seriam dimensões da competição pelo domínio de novos conceitos entre as duas grandes potências.

Nos Estados Unidos da América, o reconhecimento da importância da inovação e do domínio de novos conceitos levou o governo daquele país a criar a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa, conhecida por seu acrônimo DARPA (*Defense Advanced Reserach Project Agency*). Sua criação está ligada ao lançamento do satélite soviético Sputnik, pela União Soviética, em 1957. O governo dos EUA, surpreendido por essa vitória do adversário da Guerra Fria no campo espacial, decidiu criar uma agência responsável por inovar no campo tecnológico. Com o tempo, voltou-se para projetos na área de defesa, desenvolvendo tecnologia de ponta junto com o meio acadêmico, com produtos que

incluíam mísseis balísticos, sistemas satelitais e tecnologias de defesa para emprego a bordo de veículos, embarcações e aeronaves militares. Dentre projetos da DARPA que posteriormente se desenvolveram em tecnologia disruptiva estão a rede de computadores ARPANET, usada como base para a INTERNET, componentes de baixa assinatura radar, que possibilitaram o desenvolvimento dos primeiros bombardeiros “invisíveis”⁵ (B-2 e F-22) e o emprego militar do laser.⁶

Figura 3: Bombardeiro *Stealth* B-2 Spirit



Fonte: <<https://www.northropgrumman.com/what-we-do/air/manned-aircraft/b-2-spirit-media-gallery/>>. Acesso em: 15 de jun. 2021

Acompanhando a história de inovação da DARPA junto ao governo norte-americano, a China criou em 2017 seu Comitê Diretor de Pesquisa Científica (NI, 2017), agência que buscava replicar o modelo norte-americano de desenvolvimento de pesquisa científica avançada para emprego na modernização de suas forças armadas.

O esforço cada vez maior, realizado pelas grandes potências, para desenvolvimento de tecnologia disruptiva, aliada a novos conceitos de emprego da força militar em combate enfatizam sua corrida pela inovação e seu receio de ser surpreendido pelo adversário no campo de batalha, tal como ocorreu inúmeras vezes no passado.

Vimos, portanto, por meio de uma abordagem histórica das inovações no campo de batalha, que novos sistemas de armas ou logísticos, novas formas de mobilização da força militares e conceitos inovadores de emprego dos meios em combate representaram vantagem significativa para forças militares que os exploraram, influenciando no curso das batalhas e modificando a Arte da Guerra ao longo da história.

Por vezes, uma nova tecnologia aplicada ao meio militar poderá orientar o desenvolvimento de novos conceitos de emprego da força em combate. Entretanto, a implementação de conceitos inovadores, invariavelmente requer o desenvolvimento de novas tecnologias que atendam seus requisitos de aplicação em combate.

⁵Traduzido de “*Stealth*”, que fazia referência a aeronaves de baixíssima assinatura radar.

⁶DARPA. Disponível em: <<https://www.darpa.mil/>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

Forças militares das grandes potências da atualidade desenvolvem conceitos inovadores com foco em cenários atuais e futuros de emprego e competem no desenvolvimento de novas tecnologias, inclusive mantendo em sua estrutura governamental, agências especializadas em inovação militar.

Conceitos emergentes e os GptOpFuzNav

Vimos, por meio de alguns episódios históricos evidenciados anteriormente, que a Arte da Guerra sofreu permanente evolução ao longo da história. As forças militares responsáveis por essa evolução aplicaram novos conceitos no campo de batalha, de forma adequada e oportuna, obtendo vantagens decisivas em combate e superando forças adversárias cujas táticas, equipamentos e armamento se tornaram obsoletos, sem que elas percebessem, até o momento crucial do choque contra o inimigo. Exércitos com poder de combate superior foram, por diversas vezes no curso da história, derrotados por forças militares com efetivos menores, mas que se valeram de conceitos inovadores e, por diversas vezes, suportados por novas tecnologias, surpreendendo e alterando a forma de combater.

Esta edição da Revista **Âncoras e Fuzis** abordará diversos conceitos emergentes que têm chamado a atenção das forças militares ao redor do mundo. Esses conceitos têm sido acompanhados pelos militares do Corpo de Fuzileiros Navais, por meio do desenvolvimento de trabalhos acadêmicos nos cursos de carreira, do intercâmbio de experiências com militares de outros países durante exercícios internacionais ou quando da realização de cursos, intercâmbios e outras funções no exterior, junto a nações amigas.

Nessa jornada, revisaremos, em um dos artigos, alguns conceitos de aplicação da arte operacional, de maneira a refletir sobre o emprego dos GptOpFuzNav em um ambiente extremamente volátil, incerto, complexo e ambíguo, características cada vez mais presentes no combate moderno. Nesse contexto serão ressaltados, de forma particular, conceitos que provocam Revoluções nos Assuntos Militares (RAM), incluídos no escopo os elementos da Arte Operacional. A natureza expedicionária do CFN e sua adoção pelo estilo da Guerra de Manobra serão abordadas, enquanto a aplicabilidade de ferramentas como “*Design*” e “*Arte Operacional*” no contexto de um GptOpFuzNav em seu amplo espectro de atuação. O artigo ressaltará a importância da busca de soluções criativas para problemas complexos que demandam o emprego do poder militar, assim com as implicações das evoluções tecnológicas incorporadas na sociedade, sem perder o foco na natureza perene da guerra.

Outro importante conceito, bastante empregado na atualidade e que será abordado nesta edição, faz referência as chamadas “Operações de Estabilidade”⁷, que abarcam um processo pelos quais os atores militares e não militares aplicam coletivamente diversos instrumentos do poder nacional para lidar com as causas de um conflito. Desta forma, busca-se fomentar a resistência de uma nação anfitriã, que acolhe as entidades militares e não-militares estrangeiras, criando condições que possibilitem uma paz sustentável e duradoura. Esse conceito de operação exerce um papel fundamental nos conflitos modernos, que consideram um amplo espectro de operações militares e abrangem diversas atividades de emprego limitado da força, bem como atividades benignas, tal como previstas na Doutrina Militar Naval (DMN) brasileira. Nos últimos anos, tem sido frequente a ocorrência deste tipo de operação em ambiente marítimo, o que ressalta ainda mais a importância desse conceito para a MB e para as forças de fuzileiros navais, que exercem um papel importante na condução das operações de estabilidade no litoral, executando uma ampla gama de missões nas porções terrestre e marítima do domínio marítimo.

Uma das forças militares contemporâneas que mais investe no desenvolvimento de conceitos inovadores é o Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América (*United States Marine Corps* – USMC). Essa força, que possui complexos desafios frente ao aumento da competitividade geopolítica entre os Estados Unidos da América e a República Popular da China na região do Indo-Pacífico, passa por um processo de desenvolvimento de novos conceitos que possam atender as suas demandas de emprego. Em um dos artigos, veremos como essas inovações operacionais estão guiando importantes transformações, visando manter o USMC relevante, dentro de um ambiente operacional futuro, caracterizado por aspectos como: terrenos complexos, proliferação de tecnologias, informação como arma, batalha de assinaturas e domínio marítimo contestado. Conceitos Operacionais, tais como o das Operações Litorâneas em um ambiente contestado (*Littoral Operations in a Contested Environment* - LOCE) e o conceito Base de Operações Avançada Expedicionária (*Expeditionary Advanced Base Operations* - EABO) serão abordados, assim como sua transição do campo filosófico para o prático, mostrando as alterações nas vertentes material, organizacional e de ensino daquela organização que estão em curso, buscando também, apontar algumas possíveis aplicações para o CFN.

Esses novos rumos do USMC tem como destino comum sua maior integração às tarefas realizadas pela Marinha dos Estados Unidos (U.S. Navy), uma vez que contribuem

⁷Terminologia adotada tanto pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) quanto pela Organização das Nações Unidas (ONU).

diretamente com ações e operações realizadas pelo poder naval ligadas ao uso do mar, principalmente no que diz respeito ao controle de terra e do mar. Nesse mesmo foco, outro artigo desta edição apontará a inter-relação existente entre o Controle de área Marítima (CAM)/Negação do uso do Mar (NUM) e a Projeção de Poder Sobre Terra (PPT). Nesta análise, a perspectiva da *U.S.Navy* e do USMC, que em recentes documentos doutrinários têm enfatizado esta interdependência serão revisadas, particularmente em seus conceitos de EABO e Antiacesso/negação do Uso de Área (*Anti Access / Area Denial - A2/AD*).

Figura 4: Mísseis anti-navio disparados remotamente de plataformas terrestres são uma tecnologia de apoio aos novos conceitos de emprego do USMC, integrando tarefas de negação do uso do mar do poder naval



Fonte: <<https://news.usni.org/tag/expeditionary-advance-base-operations/>>. Acesso em: 15 jun. 2021

O USMC desenvolveu, também, o conceito conhecido como *Three Block War*, que também será abordado nesta revista. Desenvolvido pelo General Charles C. Krulak, que serviu naquela força, esse conceito apresenta três possíveis campos de atuação das forças militares: Ajuda Humanitária, Operações de Paz e Combate. A atuação nesses campos vem ao encontro da atual DMN da MB, que visualiza a necessidade de se cumprir tarefas no contexto amplo de uma campanha militar, executando Operações e Ações de Guerra Naval, Atividades de Emprego Limitado da Força ou Atividades Benignas, com esses cenários se apresentando simultaneamente durante um conflito onde coexistirão diversas ameaças. Os GptOpFuzNav, por sua vez, expostos a esses cenários multifacetados, deverão ter flexibilidade e capacidades para atuar no amplo espectro das operações militares, sendo o *Three Block War* um conceito de útil aplicação aos responsáveis pela aplicação do poder de combate.

Outro conceito em desenvolvimento no USMC refere-se às chamadas, por aquela instituição, de “Operações Desagregadas e Distribuídas”. Os Fuzileiros Navais Norte-americanos entendem que seus futuros desafios demandarão o emprego cada vez mais descentralizado de frações de FN, dotados de nível crescente de tecnologia e poder de combate por meio de sistemas de armas sofisticados,

capazes de contribuir mais diretamente para a negação do uso do mar e para o controle de áreas marítimas, além da projeção de poder sobre terra. Como o debate quanto a novas modalidades ou formas de empregar nossos GptOpFuzNav de modo a incrementar a flexibilidade e a versatilidade do Poder Naval é lícito e deve ser constante, um dos artigos discorrerá sobre esse conceito de emprego, abordando como as Operações Desagregadas e Distribuídas, adotadas pelo USMC, podem ser um caminho a ser avaliado pelo CFN, com as devidas adaptações a nossa realidade.

Será abordada também, uma perspectiva da França sobre as Operações Anfíbias. Nesse desenvolvimento, o autor ressaltará algumas diferenças conceituais entre as visões brasileira e francesa para as Operações Anfíbias, de maneira a identificar possíveis aplicações para os GptOpFuzNav da MB. Para tanto, serão analisados quatro fatores geradores de capacidade: Organização, Doutrina, Material e Educação, destacando as principais diferenças e buscando identificar oportunidades para aplicação pelo CFN.

Além dos conceitos emergentes ligados às Operações Anfíbias, esta edição trará, também, em um de seus artigos, sobre uma nova visão das Operações Ribeirinhas para a MB. Essa nova visão contempla a mudança na perspectiva de conquista e manutenção de posições em terra para uma ênfase maior no controle e manutenção das Linhas de Comunicação Fluviais e na escolta de meios navais, conforme previsto na DMN. O novo conceito fornece maior protagonismo ao emprego de tropas de Fuzileiros Navais atuando com Lanchas de Combate (orgânicas dos Batalhões de Operações Ribeirinhas) a frente do Corpo Principal de uma Força Tarefa Ribeirinha (ForTaRib), sem reduzir a importância do trinômio Navio – Fuzileiro Naval – Helicóptero. O autor defende que, neste emprego, as Unidades “Ribeirinhas” recebem uma função semelhante às Unidades de Cavalaria Blindada, porém, utilizando os rios como Corredores de Mobilidade. As ações a serem executadas serão de natureza eminentemente ofensiva, demandando mobilidade e grande ação de choque (poder de fogo, capacidade de manobra e blindagem) com predominância do combate embarcado.

Alguns conceitos recentes buscam, mediante uma visão integral do campo de batalha moderno, maximizar a aplicação da força militar, de maneira a obter a sinergia dos esforços realizados em diversas dimensões do combate. Um desses conceitos, que será tratado em um dos artigos desta edição é o de Operações Multidomínio, uma evolução do conceito de emprego chamado Armas Combinadas (*Combined Arms*) para o século XXI. Neste sentido, seu

precursor, o General de Exército David G. Perkins⁸, antigo Comandante do Comando de Treinamento e Doutrina do Exército dos EUA (TRADOC), ressalta a necessidade de se preparar para o combate em novas dimensões, além dos tradicionais domínios mar, ar e terra, atuando nos campos espacial, informacional e cibernético. O autor do artigo tratará do emprego dos GptOpFuzNav nesse novo modal de operação buscando correlacionar características fundamentais desta organização, como flexibilidade e integração entre os seus componentes, com essa visão do combate. O artigo pretende elencar, ainda, algumas sugestões de emprego dos GptOpFuzNav e possíveis adequações para aplicação do novo conceito.

Outros conceitos tratam de um tema antigo, porém de grande relevância na atualidade. Trata-se da ameaça assimétrica, em que um dos oponentes possui uma expressiva superioridade militar ou tecnológica sobre o outro. Atualmente há um entendimento que a assimetria pode ser dar, além dos domínios militar e tecnológico, em outros aspectos como o doutrinário e o cultural, este último sendo um limitador do uso da força em certas situações.

O artigo da edição referente a este assunto realizará uma breve explanação sobre o tema, ressaltando porque, apesar do registro milenar de engajamentos assimétricos, a guerra assimétrica mantém uma capacidade de se apresentar como conceito inovador. Em seu desenvolvimento, apresentará uma distinção entre os termos Ameaça Assimétrica e Ameaça Híbrida e, por fim, apresentará uma abordagem de como o CFN deve se preparar para enfrentar conflitos dessa natureza, reforçando a doutrina de guerra de manobra, utilizando-se intensamente da inteligência e fortalecendo a resiliência em combate.

Outros conceitos já lançados a alguns anos, mas cujo desenvolvimento e aplicação no CFN tem sido possível somente nos anos mais recentes, também serão revisados nesta edição. Estes conceitos são relevantes para o CFN na atualidade, uma vez que os meios essenciais para sua aplicação, tais como os navios multipropósitos, foram há pouco tempo incorporados ao acervo da MB.

Um dos conceitos é o de Manobra Operacional a partir do Mar (*Operational Maneuver From The Sea* - OMFTS), conjugado com a Manobra Navio-para-Objetivo (*Ship-to-Objective Maneuver* - STOM), desenvolvidos pelo USMC. O conceito OMFTS defende o conceito de emprego de forças navais direcionadas para ações decisivas, explorando fraquezas e

utilizando o mar como verdadeiro espaço de manobra, integrando os fatores operacionais espaço, tempo e força. Embora lançado em 1996, os cenários para aplicação pelo nosso poder naval permanecem atuais e serão revisados quanto a sua aplicação pelos GptOpFuzNav, considerando a incorporação dos navios multipropósitos que ampliaram sua capacidade expedicionária, permitindo ao conjugado anfíbio melhor explorar a flexibilidade dessas organizações. Desta forma, as potencialidades do conceito OMFTS e da STOM serão analisados, levando em conta sua capacidade de potencializar o poder de combate dos GptOpFuzNav que, juntamente com os meios navais e aeronavais, podem ser empregados com grande impacto no nível operacional da guerra.

Figura 5: A incorporação de Navios Multi-propósitos à MB possibilita a aplicação de importantes conceitos de emprego de forças anfíbias, tais como Manobra Operacional a partir do Mar e Manobra Navio para Objetivo



Fonte: <<https://www.marinha.mil.br/navio-aerodromo-multiproposito/>>. Acesso em: 15 jun. 2021

Outro importante conceito desenvolvido plenamente no CFN em operações recentes e que será assunto de um dos artigos é o de Expansão dos GptOpFuzNav. Tratará a respeito de condicionantes, tipos, métodos e faseamentos da Expansão, culminando com a exemplificação do tema que foi empregado na Operação “QUADREX 2020” (Exercício), ocasião em que foi planejada uma expansão de um GptOpFuzNav tipo Unidade Anfíbia para uma Brigada Anfíbia, sem prejuízo da continuidade da Operação Militar.

Por fim, precisamos estar conscientes de que, além de novos conceitos, o CFN precisa lidar com as novas gerações de fuzileiros navais, que ingressam permanentemente em suas fileiras, substituindo os valorosos combatentes que encerram seu ciclo de contribuição para a Marinha no serviço ativo e passam à condição de veteranos. Porém, para lidar com o fenômeno da Guerra que é, como já dissemos anteriormente, de natureza imutável, é necessário que o CFN transmita seu *ethos*⁹ aos novos combatentes, para que assimilem o conjunto de valores que lhes permitirá enfrentar

⁸Surgido no prefácio do *Multi-Domain Battle: Evolution of Combined Arms for the 21st Century, 2025-2040*. (ESTADOS UNIDOS, 2017).

⁹“Conjunto de valores que orientam o comportamento do homem em relação aos outros homens na sociedade em que vive, garantindo, outrossim, o bem-estar social”, ou seja, a forma que o homem deve se comportar no seu meio social. Disponível em: <https://www.fcav.unesp.br/Home/departamentos/patologia/ANTONIOCARLOSALESSI/etica_e_moral.pdf/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

esse desafio que transcende as gerações. Desta forma, um dos artigos foi dedicado às novas gerações e ao *Ethos* do CFN, sendo ressaltadas as características das novas gerações que se encontram nas fileiras do CFN, em busca de sua melhor compreensão. Este artigo é especialmente útil aos atuais líderes navais, que compreendendo as peculiaridades das novas gerações, poderão ter sua comunicação assertiva facilitada, ação essencial para que possam influenciar seus liderados com maior eficiência.

Conclusão

Muitos historiadores focam seus registros em novas invenções e tecnologias que surgem de forma surpreendente nos campos de batalhas e trazem como consequências, grandes vantagens, para o contendor que a domina, ante seu adversário. Entretanto, é necessário entender que mais do que inventos geniais, inovações na milenar Arte da Guerra necessitam do desenvolvimento estratégico de novos conceitos de emprego dos meios militares e dos recursos nacionais que possui um Estado, para a consolidação efetiva da vantagem trazida pela superação do adversário no combate.

Apesar de, por vezes, um conceito de emprego surgir devido ao potencial que um novo tipo de armamento ou sistema apresenta, conceitos inovadores desenvolvidos em um planejamento estratégico de construção de novas capacidades visando cenários futuros, determinarão a necessidade de desenvolvimento de novas tecnologias que atendam seus requisitos de aplicação em combate.

Neste artigo, revisamos o papel fundamental dos conceitos emergentes de emprego da força militar na condução do

combate, por meio de uma abordagem histórica de episódios em que foram registradas grandes inovações no campo de batalha, novas formas de mobilização da força militar e novos sistemas de armas ou logísticos, que representaram vantagem significativa para forças militares que os exploraram. Esta revisão, bem como uma constatação de como as grandes potências da atualidade investem no desenvolvimento de conceitos inovadores e de tecnologia militar disruptiva reforçaram a importância da compreensão e desenvolvimento de novos conceitos, para que uma força não se torne obsoleta ante a evolução constante da Arte da Guerra.

Neste sentido, enfatizando a importância desta edição e com o propósito simultâneo de despertar a curiosidade do leitor, foram abordados, de maneira introdutória, os diversos conceitos que serão apresentados por seus respectivos autores nesta jornada que hora se inicia, que inclui novas abordagens do combate, com diferentes visões e dimensões de aplicação da força nos campos de batalha atuais e futuros.

Estar na vanguarda mundial do desenvolvimento de conceitos militares inovadores exige grande dispêndio de recursos em centros de pesquisa e na criação de tecnologia de suporte. Entretanto, não se pode permanecer alheio aos novos conceitos, pois corre-se o risco de desperdiçar-se recursos valiosos em conceitos obsoletos e defasados.

Acompanhar os novos conceitos que têm potencial para alterar o emprego de forças no campo de batalha, testar e desenvolver aqueles aplicáveis a realidade do Corpo de Fuzileiros Navais é, portanto, uma tarefa a ser continuamente desenvolvida para a sua manutenção como uma ferramenta militar atual e decisiva, capaz de contribuir significativamente com o Poder Naval nos rumos da Guerra Moderna.



Referências

BARBOSA, Elaine Senise. Gêngis Khan e as conquistas mongóis. In.: MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das Guerras**. São Paulo, SP: Contexto, 2006.

CLAUSEWITZ, Carl von. **On war**. Tradução de J. J. Graham. Project Gutenberg, 2006. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/1946/1946-h/1946-h.htm/>>. Acesso em: 13 maio 2021.

CONSCRIPTION. In.: Encyclopaedia Britannica. 2005. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/conscription/>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

DARPA. Disponível em <<https://www.darpa.mil/>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

DORATIOTO, Francisco. Guerra do Paraguai. In.: MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das Guerras**. São Paulo, SP: Contexto, 2006. p.

ESTADOS UNIDOS. U.S. Army Training and Doctrine Command. **Multi-Domain Battle**: Evolution of Combined Arms for the 21st Century, 2025-2040. Dec., 2017.

FERNANDES, Fátima Regina. Cruzadas na Idade Média. In.: MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das Guerras**. São Paulo, SP: Contexto, 2006. p. 92.

GARAFFONI, Renata Senna. Guerras Púnicas. In.: MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das Guerras**. São Paulo, SP: Contexto, 2006. p. 53.

NI, Adam. China reveals new military technology agency. **The Diplomat**, 2017. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2017/07/china-reveals-new-military-technology-agency/>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

REILLY, Henry J. Blitzkrieg. **Foreign Affairs**, 1940. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/germany/1940-09-01/blitzkrieg/>>. Acesso em: 15 jun. 2021.